

Preparativos e festividades do casamento de descendentes de imigrantes alemães na metade do século XX, no Rio Grande do Sul

Preparations and wedding festivities of descendants of German immigrants in the middle of the 20th century, in Rio Grande do Sul

Preparativos y festividades del matrimonio de descendientes de inmigrantes alemanes a mediados del siglo XX en Rio Grande do Sul

Sandra Maria Costa dos Passos Colling¹
Roswithia Weber¹

Recebido em 14/08/2018; Revisado e aprovado em 29/04/2019; Aceito em 06/05/2019.
DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/inter.v21i2.2124>

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar aspectos sobre os preparativos e as festividades de casamento de descendentes de imigrantes alemães na metade do século XX, no Rio Grande do Sul. Para tal, utilizam-se estudos sobre o ritual do casamento, uma entrevista realizada com o historiador Telmo Lauro Müller e a narrativa de três casais desse grupo étnico, por meio de etnografia, trazendo elementos para ponderações sobre memória, cultura e sociedade.

Palavras-chave: casamento; cultura alemã; memória; narrativas.

Abstract: This article aims to present aspects about the preparations and wedding festivities of descendants of German immigrants in the middle of the 20th century, in Rio Grande do Sul. To this end, it was used studies on the ritual of marriage, an interview with the historian Telmo Lauro Müller and the narrative of three couples of this ethnic group, through ethnography, bringing elements to ponder over memory, culture, and society.

Keywords: marriage; German culture; memory; narratives.

Resumen: Este artículo tiene por objetivo presentar aspectos sobre los preparativos y las festividades de matrimonio de descendientes de inmigrantes alemanes a la mitad del siglo XX en Rio Grande do Sul. Para ello, se utilizan estudios sobre el ritual del matrimonio, una entrevista realizada con el historiador Telmo Lauro Müller y la narrativa de tres parejas de ese grupo étnico, a través de etnografía, trayendo elementos para ponderaciones sobre memoria, cultura y sociedad.

Palabras clave: boda; cultura alemana; memoria; narrativas.

1 INTRODUÇÃO

Os rituais da celebração do casamento entre descendentes de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, na metade do século XX, são o foco deste artigo, que se utiliza de estudos sobre o ritual do casamento, uma entrevista realizada com o professor Telmo Lauro Müller, historiador especializado em imigração alemã, e coleta de narrativas de três casais das regiões dos Vales do Rio dos Sinos e do Rio Caí, por meio de etnografia, sobre a temática em questão.

Conforme Fernandes (2014), a ideia de cerimônia de casamento com culto religioso surgiu na Roma Antiga. A autora afirma que, apesar de haver pouca bibliografia sobre o tema, há registros que tratam sobre algumas práticas que eram realizadas para essa celebração. As mulheres se vestiam com uma roupa preparada para a ocasião, o local era ornamentado e as comidas e bebidas eram elaboradas de acordo com a festividade e com o ritual para esse momento.

O historiador Telmo Lauro Müller, então responsável pelo Museu Visconde de São Leopoldo, oportunizou o registro de aspectos importantes em relação ao casamento sob o ponto de vista da cultura dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, em uma entrevista concedida no ano de 2002.

¹ Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil.



Apresentaremos o relato de três casais casados há mais de cinquenta anos, sendo todos descendentes de imigrantes alemães. Esses casais residem em cidades distintas, mas pertencentes às áreas colonizadas por seus antepassados no Rio Grande do Sul, nos Vales do Rio dos Sinos e do Rio Caí. Chamaremos o casal de São Leopoldo de Margarete e Aloísio Scherer; o casal de Capela de Santana de Maria e Lucas Klein; e o casal de Harmonia de Matilde e Pedro Metz².

Na pesquisa etnográfica, foram necessários alguns encontros para aproximação com os casais para que pudessem ser feitos os registros de áudio e coleta de imagens. Para Magnani (2009, p. 136), “[...] a etnografia é um método próprio de trabalho da antropologia, em sentido amplo”, sendo que

[...] o que se propõe é um olhar *de perto e de dentro*, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. (MAGNANI, 2002, p. 18, grifo do autor).

As narrativas se fazem relevantes, pois tratam do testemunho vivo desta experiência e, como tal, trazem elementos singulares que dialogam com um fazer coletivo. Observar e registrar as falas desses casais será um momento de aprendizado, para pesquisados e pesquisadoras, e de coleta de informações acessadas pela memória dos idosos envolvidos, em que se pode conhecer fatos sobre a sociedade desse tempo e lugar.

Para Bosi, a pessoa que lembra tem consciência de que está realizando uma tarefa e “essa tarefa é um auto-aperfeiçoamento, uma reconquista” (BOSI, 1994, p. 60). Assim, abordar os acontecimentos da vida dessas pessoas, por meio de suas narrativas, fará com que realizem um exercício de reconhecimento de si e do grupo que se formou pelo casamento. Além disso, retrata modos de vida de um determinado grupo. Para Halbwachs,

As leis naturais não estão nas coisas, mas no pensamento coletivo, enquanto este os examina e à sua maneira explica suas relações (a partir daí compreenderemos melhor que a representação das coisas evocada pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas). (HALBWACHS, 2003, p. 61).

A seguir, o artigo apresenta aspectos históricos sobre o ritual do casamento e, posteriormente, aborda a entrevista com Telmo Lauro Müller e as narrativas de casais formados por descendentes de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, sendo relacionado cada elemento da festividade do casamento. Aspectos como o início do namoro, o pedido de casamento, a vestimenta, os padrinhos, a cerimônia, as comidas e as bebidas, a festa e os presentes serão abordados de modo a compreender como ocorria a celebração do matrimônio na metade do século XX.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE O CASAMENTO

Segundo Fernandes (2014), foi em Roma que a cerimônia de casamento surgiu para propor uma união de direito, instituindo a monogamia e também sua realização diante de juízes, testemunhas e com garantias da lei. Na Idade Média, era função da família escolher o noivo, sendo que, muitas vezes, o casamento era definido quando a menina tinha apenas três anos.

² Os nomes são fictícios a pedido dos participantes.

Nessa época, o noivado tornou-se um evento muito importante, reunindo os envolvidos na igreja para a troca das alianças.

O Brasil, ao ser colonizado por Portugal, passou a adotar os preceitos do Concílio de Trento (1563), o qual determinava algumas regras para o matrimônio que deveriam ser rigorosamente cumpridas, entre elas, que esse deveria ocorrer diante do pároco e de testemunhas, com a afirmação do livre consentimento.

Sobre os casamentos entre imigrantes alemães e descendentes no Rio Grande do Sul, o entrevistado Telmo Lauro Müller (2002)³ afirma:

Para começar, a origem da Oktoberfest, esta famosa festa que acontece no mês de outubro em vários pontos do sul do País, com muita dança, diversão e bebida, deu-se a partir do casamento do príncipe da Baviera em 1811. Esta festa foi enorme, para milhares de convidados e, de tão bonita, foi realizada novamente na passagem do primeiro aniversário deste casamento. De lá para cá, esta festa espalhou-se pelo mundo através dos imigrantes alemães e foi tendo seus desdobramentos conforme o local, sem perder a essência: muita bebida, alegria e, é claro, no mês de outubro.

Com a chegada de imigrantes no Rio Grande do Sul, especialmente portugueses, alemães e italianos, cada grupo com seus costumes, iniciaram-se alguns encontros entre as culturas e, sobretudo, em relação à religião. Para se ter uma ideia, antigamente em Portugal os pais definiam antes mesmo das crianças nascerem quem casava com quem, pois esta união deveria prover, para o futuro, ganhos de valores e de poder. Para os alemães, o mais importante era saber que o noivo trabalhava, como e onde, pois o trabalho era motivo de orgulho e a certeza da prosperidade. Os italianos, assim como os outros imigrantes, preferiam que o casamento se desse entre pessoas da mesma origem.

Mas, como foram conhecendo-se aos poucos, foi inevitável a mistura destes povos. Então, começaram alguns conflitos, dentre eles, o principal: a religião impedia de certa forma o casamento entre Católicos e Evangélicos Luteranos. Os portugueses que aqui chegaram eram 100% Católicos, assim como os italianos, e os alemães em sua grande maioria pertenciam à Igreja Evangélica de Confissão Luterana.

A Constituição Imperial Brasileira, de 27/02/1824, em seu artigo 5º dizia: “A Igreja Católica Apostólica Romana é a religião oficial do Estado. As outras religiões só podem funcionar em prédios sem aparência de Templo (sem sino, vitrais, janelas...)”.

Assim, a Igreja Católica passou a determinar certas regras, como por exemplo, quando era de acordo dos pais o casamento entre um Católico e um Evangélico Luterano, um dos membros da família (o pai ou a mãe) deste último deveria assinar um documento renunciando à sua religião em prol da Igreja Católica a fim da realização desta união. Isto acontecia raramente, depois de muita discussão e estudo sobre o caso.

Outra diferença entre estas duas religiões em relação ao casamento: a IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – tem a cerimônia como uma bênção aos noivos, pois o casamento em si é o que ocorre perante as leis, diante do Juiz de Paz. Já a Igreja Católica tem seu cerimonial como sacramento do Casamento, independente das leis criadas pelo homem. De qualquer modo, a relação entre pessoas de diversas origens foi-se dando aos poucos, com algumas quebras de convenções, com alguns cedendo aos seus costumes, pois o amor não tinha fronteiras entre eles.

Os casais entrevistados são formados por pessoas da mesma origem étnica, tendência apontada no relato do historiador entrevistado, a presença dos casamentos intraétnicos. Em relação à religião, não ocorreram impasses porque, quanto aos casais de São Leopoldo e Harmonia, ambos os cônjuges são evangélicos de confissão luterana e, quanto ao casal de Capela de Santana, os dois são católicos. Assim, o estudo não enfocou as divergências quanto à origem étnica nem quanto à religião, embora Müller (2002) tenha identificado essas características.

³ Entrevista verbal concedida a Sandra Maria Costa dos Passos Colling, em 2002.

3 DO INÍCIO DO NAMORO AO PEDIDO DE CASAMENTO

A fase do namoro entre os descendentes de imigrantes alemães era ditada por algumas regras e, de acordo com Müller (2002), as famílias costumavam manter estas tradições:

Sobre os costumes da cultura alemã, mais especificamente, havia todo um cerimonial para os pedidos: para namorar, para noivar e para casar. No começo da colonização, sem os melhores meios de comunicação e de transporte, o anúncio dos casamentos era feito pelos padres e pastores ao irem de burrico fazer suas orações (culto ou missa), em igrejas distantes umas das outras.

Quando era muito difícil dos pais aceitarem ou do próprio noivo tomar a iniciativa do pedido de casamento, a noiva achava uma maneira prática para solucionar o problema: engravidava. Era um escândalo, mas o casamento, depois de muita discussão, acontecia.

O casal Aloísio e Margarete relata a seguir sobre o namoro.

Aloísio descreve:

Nosso namoro começou num baile. Quando eu vi ela pela primeira vez, ela tava usando um vestido muito bonito e daí eu tirei ela pra dançar. Passou um tempo, nós conversamos e começamos a namorar por algum tempo – cerca de mais ou menos dois ou três meses – mas somente nos bailes. Depois a gente teve uma briga, por ciúme. Daí nós ficamos separados por uns meses. Mas, depois, a saudade foi tanta que, novamente, num baile eu tirei ela para dançar e tudo tava em paz de novo. Então continuamos o namoro por mais um ano e meio, mas só nos bailes.

E Margarete continua:

Numa festinha de batizado ele ganhou coragem e foi junto lá pra casa. Conversou com meus irmãos, minhas irmãs e os meus pais, mas não me pediu em namoro – e ela dá uma gargalhada. Naquele tempo não era costume o namorado pedir a namorada em namoro. Era eu que tinha que avisar que tava namorando. Daí eu falei pros meus pais nuns dias depois daquilo.

Daí ele começou a frequentar a minha casa. A gente namorou durante, mais ou menos, um ano e meio até então ele me pedir em casamento. No total foram mais de três anos de namoro. Ele me pediu em casamento quando achou que tinha agradado o suficiente os meus pais. Depois da situação oficializada nós levamos mais dois meses até o casamento.

Os espaços de sociabilidade do período eram os bailes de igreja, as festividades como batizados, aniversários e eventos da cidade. Desse modo, eram esses os momentos nos quais poderia ocorrer o início dos namoros e das relações de amizade. Maria e Lucas, de modo muito parecido com o casal anterior, tiveram o início do namoro marcado por um baile, conforme explica Maria:

Nós nos conhecemos num baile realizado num Clube Esportivo próximo a minha casa, na Barra do Rio Cai. Eu tinha 15 anos e ele 26. No dia eu tava com um vestido todo bordado à mão e com laço de fita no cabelo. Ele me tirou pra dançar e aí ficamos conversando. Depois disso as conversas se espalharam entre os parentes.

Ele era muito bem-visto pela minha família porque era um jovem maduro, trabalhador, com posses (terra, gado) e bem apessoado. Tanta foi a pressão da família que, em outra festa na Igreja de Pareci Novo, onde ele não estava, eu fui tirada pra dançar por outro rapaz e uma das minhas tias veio até nós e pediu para o rapaz se afastar porque eu já estava comprometida. Fiquei apavorada.

As narrativas trazem questões como a presença da família tal como Müller (2002) frisou. As regras e tradições deveriam ser conservadas. Mesmo que o interesse fosse outro, a decisão final era da família. Nesse sentido, Maria continua seu relato:

Então, em um domingo eu tava em casa, conversando no quintal com meus irmãos, quando ele chegou a cavalo. Desceu e veio ao nosso encontro. Sem haver um pedido para namorar, na época não se fazia, ele chegou tranquilo porque se sentia à vontade com os meus parentes e, assim, começou a frequentar a minha casa aos domingos. Eu me sentia cada vez mais pressionada, não pelo fato de gostar ou não dele, mas porque eu me achava muito nova. Eu tinha receio de descontentar meus pais e então fazia sala pra ele. Preparava doces, cuca e pães pra esperar ele, como era de costume na época.

Lembro até que o pai dele foi visitar nossa família. Ele era viúvo há muitos anos, levou junto a filha mais velha, a única solteira, mas que já tinha namorado, para estreitar o relacionamento.

Assim foi durante um ano e meio, quando ele tratou de falar com meus pais sobre o casamento. Ele e a minha mãe marcaram a data e eu fui avisada somente depois. Novamente me senti apavorada, pois não me sentia preparada ainda. Tinha o desejo de fazer um curso de enfermagem e assim não poderia fazer.

Decidi por bem acatar a decisão da família. Eu gostava do meu namorado, mas não queria casar já. Assim, fiz tudo conforme minha mãe decidiu. Parei de estudar e comecei a fazer os preparativos pro casamento. E daí nós noivamos.

Quem foi fazer o convite – oral – foi o pai dele e os meus pais. Pra convidar os mais próximos, a gente ia à noite, a pé. Nos convidados mais distantes a gente ia de charrete. Neste período, em torno de dois meses entre o pedido e o casamento, o meu pai comprou um caminhãozinho e então, quando o tempo não ajudava, a gente ia neste veículo.

Já o casal Pedro e Matilde não teve o baile como princípio do namoro, mas também participou de bailes durante a fase do namoro. Matilde relata:

O namoro geralmente acontecia entre vizinhos ou conhecidos próximos, pois a gente não tinha como sair para outros lugares para conhecer outras pessoas e assim arranjar uma namorada.

Era tudo difícil, tínhamos pouco dinheiro, éramos pobres, os únicos lugares que podíamos ir eram nos bailes que ocorriam aos domingos, e não eram todos os finais de semana, ao contrário de hoje que acontecem aos sábados e todas as semanas.

Namorar era uma coisa séria, era preciso conhecer-se para depois casar. A gente era vizinho de porta e ele frequentava seguidamente a minha casa. Isso facilitou pra que a gente pudesse iniciar o namoro. Como de costume na época, o que também importava era que os pais conhecessem bem a pessoa com quem o filho ou a filha fosse namorar, se era de boa família.

Como nossas famílias se conheciam bem, não tinha muito problema, mas, mesmo assim, foi preciso fazer o pedido de namoro ao pai da futura namorada. Era preciso ter muita coragem para pedir permissão para namorar, mas era a única solução.

Na época, eu tinha apenas quinze anos, não tinha mais minha mãe. Ela adoeceu por causa de uma infecção causada por um espinho que espetou numa de suas pernas e faleceu repentinamente aos 42 anos. Assim, eu morava apenas com meu pai e meu irmão. Então, ele fez o pedido ao meu pai e ele deu a permissão.

O namoro iniciou, mas deveria seguir certas normas que na época eram rígidas: namorar só nas casas dos nossos pais, nos bailes nem pensar, lá não podiam nem colocar a mão sobre

o ombro do outro, se abraçar e muito menos se beijar na frente dos outros, pois isso era motivo pra sermos postos para fora do baile.

Geralmente era o rapaz que frequentava mais a casa da moça. Daí ele vinha a cada quatorze dias, pois não era de costume ir todas as semanas, e não ficava para dormir, pois não era permitido. Também porque era bem perto de casa.

Nesse caso, quando eles relatam que não era permitido namorar em baile, abordam que poderiam apenas dançar e ficar conversando, mas não podiam tocar as mãos sentados, muito menos trocar um beijo. Interessante observar que, sobre o assunto namoro, as falas dos dois se intercalavam, em alusão a um período distante, mas que deixou marcas profundas, tanto no gênero feminino quanto no masculino.

4 VESTIMENTA PARA O CASAMENTO

Conforme Fernandes (2014), as noivas usavam nos cabelos flores brancas, símbolo de vida nova e fertilidade, com ramos de espinheiros para afastar maus espíritos e perfumes feitos com ervas aromáticas. Com o tempo, o casamento e seus rituais viraram um costume. A vestimenta da noiva ganhou, então, novos símbolos. Entre eles o véu, que, conforme o tempo e o lugar, possui um significado diferente, como de virgindade e de protetora do lar. Na era medieval, o vermelho era a cor predileta das noivas para o vestido, porque significava a renovação do sangue.

Também o visual de noiva como o conhecemos nos dias de hoje é atribuído à rainha Vitória. Muito à frente de seu tempo, ela mesma pediu a mão de seu primo em casamento e foi deste modo que se ouviu falar em casamento por amor pela primeira vez. Ela também utilizou um véu, o que não havia sido feito por nenhuma rainha até então.

Com a organização de novas classes sociais, instituiu-se o branco como a cor do vestido obrigatório para as noivas que desejavam afirmar sua condição de pureza por meio da virgindade. Conforme Müller (2002),

A mãe se envolvia na preparação das roupas, sendo o destaque o vestido da noiva: aqui no estado, as noivas de origem alemã chegaram a usar vestes pretas, já que os padres e pastores usavam batinas desta cor para demonstrar sua castidade. Existem fotografias no Museu Histórico de São Leopoldo onde se observam estas vestes. O vestido de noiva na cor preta era costume em algumas regiões germânicas na época em que os imigrantes vieram para os Vales do Rio dos Sinos e Caí.

Mas, em geral, o vestido era branco, assim como em todo o mundo já se usava neste período. Durante muito tempo, houve o uso de cores diversas, como o vermelho, por exemplo, em sinal de fecundidade e certeza da prole pelo esposo.

O uso da grinalda e da roupa na Alemanha era de acordo com o traje típico da região, não havia um modelo único ditado. Mas a cobertura da cabeça significava a virgindade da noiva, uma questão muito importante para os costumes deste povo na época. O buquê, assim como o véu, deveria lembrar as flores brancas como sinal de pureza.

A preocupação com a roupa para o dia do casamento, especialmente a da noiva, foi abordada nas narrativas com extremo entusiasmo pelas mulheres. Percebe-se que cada uma delas, do seu jeito, vivenciou essa etapa como um dos momentos mais alegres da preparação. Para Margarete foi assim:

Antes de irmos para a igreja, nós dois nos arrumamos na casa dos meus pais, em quartos separados, claro. Meu vestido era branco, comprido e reto, não muito rodado, com um véu no comprimento do vestido, e eu carregava um buquê de flores naturais. Eu me achava uma princesa com aquele vestido, lisinho, lisinho. Ele vestia uma fatiota preta com uma gravata reta.

Maria conta, com riqueza de detalhes, desde o momento da escolha do tecido:

A primeira vez que minha mãe me deixou “mais solta” para sair eu nunca vou esquecer. Às vezes o pai ia de caminhão à CEASA⁴, para levar frutas. Numa dessas vezes eu fui junto e o pai me deixou na casa de uma tia muito querida que morava em Porto Alegre, pra que a gente fosse comprar minha grinalda. Eu mesma escolhi conforme o tipo e o preço. Claro, não podia ser muito cara. Daí eu aproveitei pra olhar os preços da “fazenda” (tecido) pro vestido. Queria uma bem lisa. Era muito caro. Mesmo assim eu anotei os preços e, numa outra vez, junto com a mãe, comprei e levei até uma vizinha, excelente costureira, pra ela fazer então o meu vestido.

A mãe comprou um sapato branquinho que brilhava e meu buquê, que era de flores artificiais, bem pequenininhas. Ele comprou uma fatiota com o pai dele.

Minha tia, aquela que eu mais adorava, pintou minhas unhas com um brilho, ela trouxe o batom que eu deveria usar e deu alguns conselhos: pediu pra que eu não engravidasse logo (não havia anticoncepcional ainda) e me deu algumas dicas que foram únicas e preciosas.

Percebe-se nitidamente a importância da família em todos os momentos. Às vezes de modo a ensinar as jovens com algumas aberturas ao diálogo, outras vezes com maior imposição, mas sempre com a organização e a decisão da família.

O uso de outra cor para o vestido foi assim recordado por Matilde:

As nossas roupas, como diziam, a fatiota e o vestido de noiva, geralmente eram compradas prontas nos pequenos estabelecimentos ou confeccionados pelas costureiras.

Ele comprou sua roupa numa localidade vizinha, e eu mandei costurar meu vestido, sendo feito pela irmã dele, sem ele ver, claro – e dá risada. Meu vestido era branco, mas eu ouvia falar de moças que tiveram que usar vestidos pretos, quando estavam grávidas ou tinham perdido a virgindade. Devia ser triste.

Os convidados, nossos vizinhos e parentes próximos, usaram suas melhores roupas e alguns até mandaram costurar trajes novos. Os buquês eram feitos com flores naturais, colhidas nos jardins das casas, como margaridas, rosas, copo-de-leite, dalias etc. O meu buquê foi de rosas.

Provavelmente essa narrativa envolvendo a cor do vestido está associada a uma invenção a fim de pressionar as jovens a cumprir com as normas estabelecidas pela sociedade desse período e lugar, no sentido da obrigatoriedade da virgindade até o casamento. Müller (2002) nos apresentou a utilização da cor preta em algumas regiões germânicas, no entanto sem relação com a história narrada por Matilde.

⁴ CEASA é a sigla e denominação popular das centrais de abastecimento, que são empresas de capital misto destinadas a promover e organizar a comercialização de produtos da hortifruticultura em nível de atacado em uma região de ação, nesse caso, em Porto Alegre.

5 A ESCOLHA DOS PADRINHOS E A CERIMÔNIA DO CASAMENTO

Os estudos trazidos por Müller (2002) dão conta de que “a escolha dos padrinhos era feita pelos pais e geralmente eram pessoas amigas destes e que tinham algumas posses”. Aloísio recorda:

Nossos pais pediram pra gente chamar os padrinhos de batismo para a cerimônia e os outros foram convidados por eles. Os padrinhos eram geralmente irmãos dos noivos, um casal para cada noivo. Não recorro bem ao certo quem foram os meus padrinhos de casamento. Sei que foi um dos meus irmãos, e como não temos fotografia com os padrinhos não vou lembrar certo agora pra dizer. Nem ela lembra – e ele aponta para a esposa.

“Minha única exigência foi convidar uma amiga para madrinha. Os outros padrinhos, que eram dois casais para cada um, foram convidados pelos nossos pais”, diz Maria. E Pedro afirma: “Convidamos como padrinhos os parentes mais chegados e as pessoas mais importantes da comunidade. É claro que não podia faltar o meu irmão, o que me ensinou a tocar violão”.

Sobre os padrinhos, conforme Pinho (2017), vale lembrar que

[...] não existe, no Código de Direito Canônico, a figura dos padrinhos e madrinhas de casamento. O apadrinhamento existe em outros sacramentos, ritos de passagem da fé cristã, mas não no casamento. [...] A participação dos padrinhos na celebração religiosa, suas vestimentas, a composição do cortejo, o local a ser ocupado por eles durante a cerimônia, são antes aspectos culturais, que variam conforme as diferentes regiões ou mesmo de acordo com tendências de moda, que elementos canônicos. (PINHO, 2017, p. 290)

Müller (2002) explica que “nos primeiros tempos, aqui nesta região, a cerimônia do casamento ocorria de dia, pois não havia luz elétrica. Somente mais tarde, com a chegada da eletricidade, começaram a acontecer à noite”. Nesse sentido, Aloísio nos conta que:

A cerimônia acontecia pela manhã e a nossa ocorreu às nove horas. Nós entramos na igreja juntos, com passo bem treinado e devagar ao som da marcha nupcial tocada no tradicional almoço. Após a entrada, o pastor fez uma rápida cerimônia com uma pequena mensagem e depois aconteceu a troca de alianças, que foram entregues antes da cerimônia para o pastor.

Sobre a cerimônia de casamento, Maria e Lucas se revezam para narrar:

Aqui, foi o primeiro casamento religioso a acontecer de tardinha, foi às 5 da tarde. Foi chamado pelo pessoal de “Casamento de Bibelô”, o que eu não entendo até hoje o porquê.

A Igreja Católica de Pareci Velho foi enfeitada com flores naturais e o Coral que eu participava cantou durante a celebração – ela nos explica.

Eu entrei sozinho na igreja e esperei até que a noiva entrou. Ela entrou na igreja sem aias, com o pai dela, e lembro da marcha nupcial tocando. As alianças comprei bem graúdas – orgulha-se ele.

Matilde relata:

A cerimônia se realizou na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Casamos num sábado, às nove horas da manhã, sendo feita a cerimônia pelo pastor que vinha a cavalo. Durante a cerimônia tinha um pequeno coral, composto de homens e mulheres que cantavam junto com um piano, único instrumento utilizado para acompanhar os cantos da igreja.

As lembranças trazidas pelos entrevistados remontam momentos vividos durante os preparativos para o casamento e, principalmente, fatos ocorridos no dia do evento. É possível visualizar os espaços, os movimentos e a euforia dessa festividade por meio das narrativas apresentadas.

6 ENFIM, A FESTA: COMIDAS, BEBIDAS, DECORAÇÃO E MOMENTOS MARCANTES

Na Antiguidade, em Roma, originou-se o tradicional bolo de noivas. Simbolizava um agrado aos convidados pela presença e pelos presentes, bem como para celebrar a união dos noivos. Segundo Telmo Müller (2002):

A refeição era sempre uma comida tipicamente colonial, preparada durante dias por amigas da família: porco assado, massa caseira (muitos ovos, trigo), batata, aipim, chucrute, rabanete, alface e galinha (criadas e preparadas especialmente para esta ocasião), doces diversos, sem esquecer a cuca, lógico. Como bebida, geralmente suco e cerveja. Claro que tanto trabalho das amigas da família requeria uma troca de favores, sem cobranças, era de modo espontâneo em todos os momentos: casamento, nascimento de um bebê, falecimento de um membro da família. Sempre que ocorria um acontecimento, os vizinhos se ajudavam.

Aloísio e Margarete tiveram ajuda dos vizinhos para fazer e servir as comidas e bebidas, preparadas com antecedência. Margarete conta:

A comida servida era a típica alemã, a mesma que ainda hoje é oferecida nas festas de Kerb⁵: churrasco, galeto, bolinho de carne, saladas, massas, chucrute. À tarde, foi servido um almoço colonial, com cucas, tortas e sanduíches.

Conforme Maria:

Os vizinhos e os amigos ajudaram a preparar as saladas (curtidos), doces, cerveja preta e a carnear um boi.

O casamento no civil foi no cartório com nossos pais e os padrinhos, na sexta-feira. Os meus pais convidaram estes padrinhos para passarem o dia de sábado na minha casa, onde foi servido um almoço com carne de panela e massa caseira.

Depois do casamento na igreja, quando nós chegamos na festa, foi servido o churrasco com saladas, aipim e cerveja. Havia muitos doces de sobremesa e um bolo.

Matilde descreve:

Lembro que a gente tinha mais ou menos sete quilos de carne de porco e também sete de gado para a festa, além de outras comidas, como batata, chucrute, linguiça e diversas saladas colhidas na nossa horta.

Na festa tinha apenas uma dúzia de cerveja comprada, mas a gente fez a cerveja caseira em casa, a spritzbier. Dessa tinha bastante. Não tinha o bolo como sobremesa, mas servimos as sobremesas envecadas, sabe, colocadas em vidro chamado vec, por isso este nome, como: a melancia de porco, a ameixa, a laranja e o figo⁶.

Para que a festa fosse vista como um momento alegre, era feita uma decoração no local. Müller (2002) aponta que “na decoração, que também era preparada por amigas, eram utilizadas plantas e o toque especial se dava pelo uso de papel colorido. Eram feitos ornamentos com dobraduras”. Assim, também, Margarete teve a ajuda de vizinhos que organizaram o local:

No nosso casamento não aconteceu nenhuma dança, isto só era comum nos casamentos que ocorriam nos salões de baile. Mas o local da festa foi enfeitado com folhas de palmeiras

⁵ Kerb é uma festa popular de origem alemã que teve origem em motivo religioso de fundação de igrejas e é sinal da identidade cultural desse povo. No Brasil, é realizada em várias cidades dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde há a presença de imigrantes alemães.

⁶ As conservas de frutas são parte de uma prática cultural de alimentação de povos germânicos.

e flores numa mesa. O meu buquê também serviu de enfeite para o lugar da festa. Assim como os nossos pais decidiram a quem convidar e todos os detalhes da cerimônia e festa, nós não ajudamos e nem demos opinião em nada. Os vizinhos que arrumaram todo o local da festa, fizeram e serviram a comida.

Maria recorda que “o pessoal arrumou longas mesas e bancos pelo jardim e numa área aberta e grande que ainda hoje existe tal e qual era, enfeitando com flores de papel e tecido branco, além de flores naturais”. Matilde conta que “os vizinhos ajudaram a arrumar as mesas e colocaram vasos com flores”. Enfim, a comunidade se envolvia nesse trabalho. O casamento era motivo de socialização desde os preparativos, sendo um trabalho comunitário, de envolvimento e de troca de favores.

Como a cerimônia ocorria normalmente entre a manhã e o meio-dia, Müller (2002) pontua que “a festa se estendia por todo dia. Quem tinha mais privilégios realizava a festa na Sociedade da sua comunidade ou no pavilhão ao lado da Igreja. Os demais faziam a festa na casa dos pais da noiva”. No caso dos três casais participantes desta pesquisa, o local da festa foi a casa dos pais da noiva.

Um dos momentos marcantes da festa era a sessão de fotografias, afinal “[...] a fotografia desempenha um papel simbólico na legitimação da família” (LEITE, 2001, p. 75). Mas nem todos tinham condições econômicas para contratar um fotógrafo ou ir a um estúdio. Esse fato está presente nas narrativas dos casais. Maria relata:

Quando o casamento terminou, um tio – aquele da tia de Porto Alegre – levou a gente pra um estúdio fotográfico para fazer algumas fotos, enquanto isso os convidados foram para a festa na casa dos meus pais.

“O retrato de casamento avulso, às vezes o único retrato, parece essencial para os retratados e seus descendentes” (LEITE, 2001, p. 75). Maria e Lucas mostram a foto demonstrando orgulho pela imagem registrada.

Figura 1 – Casal Maria e Lucas



Fonte: Arquivo pessoal do casal (1960).

No casamento de Margarete, o fotógrafo participou de toda a festa. “A fotografia de família poderia talvez ser tomada como um equivalente da memória coletiva, como a imagem fixada de um tempo que parou” (LEITE, 2001, p. 76).

Nós tiramos apenas algumas fotos em preto e branco de nós dois e uma foto com todos os convidados do casamento. Esta foto com todos os convidados do casamento levou cerca de uma hora para ser feita, pois para reunir todos e até que o fotógrafo se organizava, demorava muito. Foi bastante engraçado – conta Margarete.

Figura 2 – Todos os convidados com os noivos Aloísio e Margarete



Fonte: Acervo pessoal do casal (1959).

Matilde traz a dificuldade de registrar a celebração do casamento por meio da fotografia.

Naquele tempo, o fotógrafo passava de tempo em tempo pelas pequenas localidades e entregava a foto se recebia o dinheiro, que era curto na época, assim era difícil tirar fotografias. Não tivemos o registro fotográfico no dia do casamento, mas uns três meses depois, com a chegada do fotógrafo.

Tivemos que colocar as roupas, fazer o buquê, para daí tirar a foto de nós dois. O pagamento foi com umas moedas que guardamos dentro de um bauzinho, para ter quando viesse o fotógrafo.

Figura 3 – O casal Pedro e Matilde em sua casa



Fonte: Acervo pessoal do casal (1957).

Os acontecimentos da festa do casamento são lembrados por Margarete com muito carinho.

A festa começou logo após o culto e todos os convidados que foram à cerimônia participaram dos festejos. A comemoração aconteceu na casa dos meus pais. Foi armada uma grande lona junto da casa, com mesas e bancos colocados embaixo das mesmas. Nós recebemos os presentes em mãos, à tarde, na festa. Ganhamos louças, panelas e demais utensílios úteis para a vida a dois.

Após terminar a festa, no final da tarde, nós fomos para a casa onde a gente ia morar e construir nossa vida. Não se falava em lua-de-mel ou noite de núpcias no interior, talvez na cidade sim – fala Margarete, meio encabulada.

Maria relata alguns momentos da festa:

Nós recebemos muitos presentes, mas principalmente utensílios para o lar, que foram todos colocados sobre a cama dos meus pais, que estava coberta por uma lindíssima colcha. Eu não sei o porquê, mas os presentes deviam ser postos numa cama de casal. Não levamos os presentes pra casa no dia do casamento; buscamos de carreta na outra semana.

Eu não joguei meu buquê e nem dançamos a valsa. Mas todo mundo dançou ao som de instrumentos musicais como violão e gaita.

Escureceu e então, nós, o meu sogro e a minha cunhada fomos levados pra casa pelo meu tio.

O fator natural pontuava o término da festa. Maria então continua sua narrativa trazendo memórias que demonstram as incertezas diante da nova fase de sua vida:

Eu lembro com certa tristeza de uma frase que minha mãe disse ao meu marido quando a gente tava indo embora: “Toma e termina de criar”. Eu era muito jovem, não tinha completado 17 anos ainda, mas já sabia o que queria, apesar de ter aceitado as decisões da minha mãe. Esta frase fez com que, nos primeiros tempos, eu sofresse muito, pois não podia decidir nada sem o consentimento do meu marido.

Naquela noite, quando nós chegamos em casa, logo atrás vieram uns parentes com instrumentos musicais, tocaram e cantaram por um tempo, fazendo uma surpresa pra nós.

Tanto na questão da vestimenta quanto sobre alguns fatos da festa, as mulheres entrevistadas são as que se recordam de mais detalhes. Matilde relata:

Nossos convidados eram apenas parentes, como irmãos, cunhados, cunhadas, tios, avós, os primeiros vizinhos e também os integrantes da banda que ele tinha participado.

Após a cerimônia, os convidados foram pra casa do meu pai, que também realizou seu segundo casamento. A casa era muito simples e pequena, nós nem dançamos durante a festa.

Na época não se comentava em lua de mel ou noite de núpcias. Os noivos passavam a primeira noite de casados na casa dos pais onde iam morar. E assim a gente fez.

Recebemos como presentes utensílios pra casa. Eu recordo que ganhamos uma sopeira do maestro da banda, que pouco tempo atrás foi quebrada. Nós também recebemos bandejas, pratos, xícaras, além de outras coisas. O que era de tecido eu mesma fiz no enxoval, como toalhas e lençóis.

Com relação aos presentes recebidos nos casamentos, Müller (2002) destaca que frequentemente esses consistiam em objetos destinados ao uso doméstico. Segundo as narrativas dos entrevistados, é possível observar o contentamento deles com os objetos recebidos, sendo que, em muitos casos, ainda possuem alguns desses objetos e, inclusive, recordam os nomes das pessoas que os presentearam.

7 REFLEXÕES DOS CASAIS SOBRE O CASAMENTO

Os casais que participaram desta pesquisa foram convidados a falar, ao final da visita, sobre o que pensam sobre o casamento nos dias de hoje. O casal Aloísio e Margarete se expressou da seguinte forma:

Hoje as pessoas não dão valor para o casamento. A maioria namora, mora junto e depois casa só para oficializar o casamento, quando não existe mais o significado do verdadeiro casamento.

Antigamente, as festas eram mais gostosas, tinham mais união e alegria, não existiam os sentimentos de superioridade, orgulho e inveja como há hoje, quando um quer fazer e ser melhor do que todos.

Naquele tempo era mais sério, mas também mais divertido.

A gente hoje vive feliz, com orgulho de ter criado cinco filhos, quatro mulheres e um homem, e agora aproveitamos a vida com todos os filhos e mais os sete netos.

A casa que passaram a viver juntos após o casamento é uma casa construída em estilo enxaimel alemão, onde criaram os seus filhos e passaram em torno de mais ou menos trinta anos

de casados. Essa casa ainda existe e está no pátio da atual casa, construída após o casamento de todos os filhos.

Nas Bodas de Ouro, os filhos organizaram tudo e, é claro, desta vez os noivos puderam opinar quanto ao local, quem convidar e demais detalhes. A festa ocorreu durante o dia, começando pela manhã com uma pequena cerimônia, e prosseguiu com almoço; houve dança até o final da tarde.

Lucas declarou:

Eu acho que hoje a maioria dos noivos faz o casamento e a festa porque os outros fazem, porque é regra, a sociedade dita. Mas nem sempre os casamentos mais grandiosos são aqueles mais felizes.

Apesar de toda pressão e de todas as dificuldades iniciais do casamento, o meu sentimento era nobre, puro e valeu a pena aprender a conviver com meu marido, com respeito e afeto, criando nossos quatro filhos, dois casais, com todos os cuidados e educação necessária. Hoje me sinto realizada ao ver os filhos bem casados, com empregos fixos, ao nosso redor sempre que precisamos e com a alegria dos sete netos e uma bisneta na mesma casa onde vivemos desde o primeiro dia de casados.

Os casais que resolvem morar junto, sem celebrar o casamento, nos dias de hoje, pra mim é o mais acertado, pois não adianta tanto preparativo, gasto e trabalho para casamento curto, cheio de problema, sem coragem de enfrentar as dificuldades. O casamento tem que acontecer quando se tem certeza!

A fala de Lucas encontra relação com alguns pontos que Fernandes (2014) aborda em sua tese. Um deles aponta que

[...] a constituição discursiva da produção de casamento enquanto resultado do amor, garantia de vida feliz e ápice da vida conjugal parece implicar que a festa deva ser reflexo dos sentimentos do casal. Assim é possível questionar se o tamanho do casamento representa o tamanho do amor. [...] A fabricação de sujeitos de consumo está em atrelar emoções e simbolismos aos produtos, de modo que se entenda que ao consumir determinada coisa se está produzindo cuidado/felicidade ou, ainda, mostrando afetos. (FERNANDES, 2014, p. 102)

O casal Maria e Lucas mora na mesma casa da primeira noite de casados, embora tenham saído para morar em outro lugar por um tempo. Quando o pai dele adoeceu, eles retornaram para cuidar dele e ali permanecem até hoje. Eles comemoraram suas Bodas de Ouro com uma grandiosa festa organizada pelos filhos, filhas, genros, noras e netos.

Já o casal Pedro e Matilde fez a seguinte declaração:

Ficar junto antes era motivo de ser malfalado. Quando a gente tava namorando, ele queria ir ajudar a trabalhar lá em casa e meu irmão alertou das conversas que poderiam surgir.

A gente vive bem aqui em nossa casinha, nossos três filhos e quatro netos sempre vêm por aqui.

Mas tem tanta transformação sobre o casamento hoje em dia, que quase não dá pra comentar a respeito.

O que antes era rigoroso, proibido e levado a sério, hoje está tão livre, liberado. Não é mais preciso namorar pra se casar. Ficam um tempo juntos e depois se casam ou até mesmo não se casam. Acho que o motivo de tanta separação hoje em dia é a falta do tempo de conhecer um ao outro – ele diz.

É muito importante que se registre a relação entre o sentimento expresso por meio das narrativas e a escrita de Ecléa Bosi (1994) sobre lembranças de idosos, nas quais observamos que

é realmente por meio desses relatos que podemos reviver o que perdemos e assim podemos trazer fatos do passado para um modo indispensável no presente e no futuro.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Manifestações culturais como os rituais de casamento são importantes para se compreender a vivência em sociedade. Neste caso específico, o modo de vida dos descendentes de imigrantes alemães nos Vales dos Sinos e do Caí, no Rio Grande do Sul.

As narrativas são relevantes para o entendimento de como esse ritual acontecia, de como se dava o início do compartilhamento de uma vida entre os descendentes de imigrantes que construíram esse espaço tal como ele é hoje constituído. Por meio dos relatos, foi possível observar elementos da cultura alemã, entre eles a questão da alimentação e a importância dos vínculos familiares e com a comunidade.

A escuta dos idosos é muito relevante, pois nos possibilita vislumbrar fatos cotidianos, mas que fazem parte da história, da religiosidade e da cultura dessa sociedade. Pode-se perceber com maior sensibilidade a trajetória realizada e entender o que em nós reside desses primeiros passos.

É presente na narrativa dos casais uma idealização do passado. A memória dos idosos tende a oferecer uma valorização dos costumes vividos, mesmo que tenham sido motivo de dor ou opressão em determinados casos, em uma tentativa de apresentar suas histórias de vida de forma poética. Estar em diálogo sobre um fato ocorrido há tanto tempo, envolvendo questões tão íntimas, vividas e narradas a dois, é reviver as histórias de vida, é refletir por meio das memórias. Esta pesquisa etnográfica percorreu esse caminho com esses casais, lembrando fatos que marcaram a vida dessas pessoas e, para, além disso, a vida em sociedade nesse tempo e lugar.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERNANDES, Letícia Prezzi. *Produções de Casamento Contemporâneas: educação, cultura e gênero*. 2014. Orientador: Luis Henrique Sacchi dos Santos. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2014.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MAGNANI, José G. C. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-56, jul./dez. 2009.

MAGNANI, José G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MÜLLER, Telmo Lauro. *Casamento de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul*. Entrevista verbal concedida a Sandra Maria Costa dos Passos Colling. São Leopoldo, Museu Visconde de São Leopoldo, maio 2002, [arquivo .mp3] (1h10min).

PINHO, Érika Bezerra de Meneses. *“Um sonho não tem preço”*: uma etnografia do mercado de casamentos no Brasil. 2017. 403 fl. Orientador: Ruben George Oliven. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2017.

Sobre as autoras:

Sandra Maria Costa dos Passos Colling: Doutoranda e mestra em Processos e Manifestações Culturais, especialista em Arteterapia e graduada em Artes Visuais pela Universidade Feevale. Aperfeiçoamento em Arte-Educação Integral e Contemporânea pelo Centro de Estudos e Informações Técnicas Educacionais e Culturais. Bolsista CAPES, participante do Grupo de Pesquisa Metropolização e Desenvolvimento Regional (Feevale, CNPq). Assessora em educação e avaliadora de feiras multidisciplinares em nível escolar, de municípios do Vale do Rio dos Sinos, e na Mostratec. **E-mail:** sandracolling@gmail.com, **Orcid:** <http://orcid.org/0000-0003-3094-1111>

Roswithia Weber: Doutora e mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora do Mestrado Profissional em Letras e dos Cursos de História e Turismo da Universidade Feevale em Novo Hamburgo, RS. Desenvolve pesquisas com ênfase em história regional do Brasil, bem como na área de literatura e processos de construção de identidades, produções literárias e manifestações culturais e ensino. **E-mail:** roswithia@feevale.br, **Orcid:** <http://orcid.org/0000-0001-5738-9035>